“A imaginação é o lugar mais livre do homem”



Atriz está de volta aos palcos após três anos

DIVULGAÇÃO

Com a palavra

VERA HOLTZ

Atriz, 70 anos, febre das redes sociais com sua série de fotos inventivas. Em cartaz com o espetáculo ‘Ficções’

Angela Corrêa
angela.correa@orbi.news

Em “Ficções”, monólogo em cartaz no Teatro Faap, Vera Holtz personifica diversas possibilidades para a obra-prima de Yuval Harari, “Sapiens: Uma Breve História da Humanidade”, uma literatura densa e, à primeira lida, impossível de transpor a outras linguagens. Mas Rodrigo Portella, autor e diretor, pinçou a principal diferença do ser humano para as demais espécies: sua capacidade de inventar, de criar ficções e imaginar coisas coletivamente. Nessa entrevista, ela conta sobre esse processo que a devolveu aos palcos após três anos e sua faceta popular nas redes sociais, que batizou de Vera Viral.

Qual era a sua relação com ‘Sapiens’?
O livro foi lançado em 2011 e não me lembro se ganhei de presente ou comprei. [Foi] por causa dessa questão de criar, recriar e da capacidade que o homem tem de falar sobre coisas que não existem. Já estudava um pouco isso, obviamente, na minha profissão. Todas as narrativas, as ficções, tudo isso é muito presente. Eu já estava próxima da ideia do livro, mas nunca imaginei que fosse possível transcender e transformar em uma obra teatral.

O diretor e autor Rodrigo Portella já sabia dessa sua relação com ‘Sapiens’?
Ele não sabia de nada (risos). Só me conhecia de ter assistido às minhas peças. Eu também não sabia o que ele ia fazer, sobre o que ele ia escrever, qual o recorte que ele ia fazer do livro e eu topei. E todo mundo que entrava na peça perguntava: “Sapiens??? Como é que você vai fazer?”. Falei “vamos nos jogar nessa sem asas”. A gente se jogou mesmo nesse sistema humano, de acreditar um no outro. Foi muito rápido o processo. O Rodrigo disse que ficou uma loucura a casa dele. Milhões de recortes do livro para encontrar o que ele queria falar.

Monólogos exigem muito de uma atriz. Como foi o seu preparo corporal para ‘Ficções’?
Protegi bastante esse corpo criativo. A gente fez um trabalho de corpo com o Tony Rodrigues, que já foi parceiro em outras obras. O Jorginho Maia preparou a minha voz porque ia estar falando o tempo todo sozinha no palco. Tenho a interlocução do (ator e músico) Federico Puppi, no violoncelo o tempo todo, mas é uma dinâmica que você precisa estar pronta e ainda ver como está a reação do público para determinar o ritmo do espetáculo. Me surpreendi no caminho com limitações do corpo, limitações da voz e memória, que já não é mais tão presente.

Há limites para a imaginação que a peça explora?
Não, acho que o imaginário é o lugar mais livre do homem. É o que o trouxe até aqui. Porque é uma análise da civilização absurda e é ainda onde a gente pode chegar. O homem ainda está avançando no espaço, em busca de vida, mas está avançando em um território absolutamente desconhecido. Eu quero imaginar o que tem na Lua, o que tem em Marte. A pergunta já não interessa, mas o imaginário dele. Quero ir além. E o teatro é um lugar de refletir um pouco sobre esse além. Ficcionalizar outras coisas é um território absolutamente livre e aberto a todo mundo. Tem que usar.

A evolução. No palco de “Ficções”, Vera Holtz está sozinha com seu texto, mas conta com a participação do músico Federico Puppi, que executa a trilha ao vivo. A peça fica em cartaz até 26 de março

Fotos recentes da Vera Viral, sua persona no Instagram, mostraram exaustão. O que você vislumbra para ela em 2023?
O último que eu botei [no perfil] foi o nó górdio, que foi difícil de desatar nos últimos anos. Esse nó já estava comigo desde dezembro, mas eu não sabia como colocar porque é um desatar que não desata. Eu estou aguardando. A Vera Viral é assim. Ela aparece quando quer, eu não tenho controle sobre esse imaginário. Ela se esconde e tem o temperamento dela, mas eu acho que é muito mais agradável você criar com otimismo. Criar um sistema de cooperação presente na vida da gente. E é o que a gente está vivendo hoje. Vamos ficar juntos, vamos melhorar isso aqui tudo junto. Eu acredito que daqui a pouco ela aparece com alguma ideia. Tem algumas que são premonitórias e vêm antes. Vamos esperar. A Vera aparece aí.

Viralizar traz uma cobrança tanto sobre pessoas públicas e anônimas. Como você lida?
Não dou a menor bola. O controle é meu. Não é do viralizar. O viralizar passa o controle ao outro. A Vera Viral é absolutamente dela. A ideia não é do controle, mas do tempo dela. Tempo de criação, tempo de publicação. Isso ela nunca ligou realmente. Ela gosta de gerar o conceito, que as pessoas reflitam sobre a obra, mas não se preocupa com viralizar. Vírus é uma doença (risos).

Sua primeira formação foi Artes Plásticas. A Vera Viral contempla esse seu lado?
Acho que sim. Acho que a Vera Viral foi o espaço que eu encontrei para trazer essa formação. Esse estudo que eu já tinha tido. Porque quando fiz Artes Plásticas eu não conseguia criar. Ou talvez eu também não tivesse acesso à performatividade. Ou talvez eu não tivesse encontrado a turma para eu me expandir. Aí eu fui para o teatro que é o lugar realmente de encontro de todas as artes. Quando eu fui para o Instagram, realmente abriu esse lugar, eu falei “que ótimo”. Tanto até que as fotos têm sempre o mesmo lugar, o mesmo formato, com o telefone celular, com aquela luz. Ela tem uma característica de série de artes visuais.

Veja entrevista completa no canal Orbi TV